
MELO, João de. *A nuvem no olhar*. Lisboa: D. Quixote, 2025.

João de Melo e o conto: um novo clássico contemporâneo que atravessa *A nuvem no olhar*

*João de Melo and the short story: a new contemporary classic that traverses *A nuvem no olhar**

António José Borges

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n56a1427>

Os anos têm no inverno a única estação conhecida. (Melo, 2025, p. 187).

Nada nesta vida é universalmente aplicável ao género humano. (...) a loucura louca da minha solidão num mundo que é meu, tão longe do deles (Melo, 2025, p. 22).

João de Melo, dedicado, determinado e rigoroso revisor da sua obra, não parece sucumbir à tentação dos movimentos em voga, a modismos de ocasião ou forçados sem que tal lhe seja de facto necessário e assim sirva os propósitos da sua criação e recriação. Não tem sido sempre o caso e mantém o seu rumo consciente da importância da literatura no nosso tempo e da inventividade na perpetuação de

uma certa memória histórica, o que expressa em contos que atravessam, neles, gerações.

Neste sentido, numa época em que se afirma a crise existencial do conto, na sua mais recente obra, *A nuvem no olhar* (2025), um conjunto de dez contos bem entroncados numa árvore genealógica com raiz na memória que atravessa o nevoeiro com um olhar claro, despudorado e desprezioso, não há mistério e ao mesmo tempo tudo é poesia.

Numa micro contextualização do conto, este é importante na obra global de João de Melo, ora os romances são contos distendidos na emoção e os contos são embriões com memória adormecida de potenciais romances. Deste modo, sendo este livro uma “ilha” sobre um arquipélago, suscita o prazer da leitura e sobre ele voltaremos uma atenção que advém da perspectiva com que foi lida e pode ser lida: de nela, uma obra coesa, mesmo assim encontrar um manancial de portas de entrada ou de saída – a riqueza de uma obra clássica cujos temas não passam com o tempo.

Então, onde reside aquilo que, na construção da obra, oferece imediatos patamares de acesso ao seu universo ou os aspetos que fecham as portas mais óbvias? Sendo emocionante a sua leitura, neste livro está lá todo o João de Melo num grande exercício de ficcionalização do real. É difícil detetar aspetos que sempre fecham, nas obras, as portas mais óbvias, pois, ao alcançar o esplendor da linguagem da grande literatura, no sentido de forte, realce-se, mantém as portas abertas mesmo em alguma deambulação mais restrita. Um aturado trabalho sobre a linguagem.

Logo, que mecanismos o autor utilizou para que o leitor entre ou se afaste da sua obra? Emocionante no início e forte na memória ficcionada, é tremendamente inventivo nos contos finais. Os dois últimos contos, talvez os três, são arrebatadores da consciência, abrin-

do-nos, pela via da apelativa e artificiosa linguagem, a obra e nunca nos afastando porque agarra o leitor entre o choque, a ironia e até o humor.

Posto isto, como compreender a obra ou a abrir ao leitor? A grandiosidade desta literatura é que, conhecendo o autor nele, reconhecemos algo do narrador, mas um contador absolutamente independente do autor, isto é, uma ficção de tal modo elaborada, trabalhada que recria um universo que não tem um início, uma realidade só e um fim. Ele é um ser que narra e o seu criador. Isto é um contista forte.

Deste modo, como esclarecer este livro ou o iluminar? Em primeiro lugar, importa referir que atravessa a obra um vocabulário muito rico, diversificado, uma linguagem vernácula a espaços, por exemplo, de grande conhecimento de botânica, como a que se afirma no conto “O princípio e a água” – note-se nesta passagem: “lembro-me do funcho e do feto, e de outros nomes: a criptoméria, o vinhático, o ulmeiro e a araucária. Sobretudo a criptoméria” (Melo, 2025, p. 35). A noção de que os narradores dos contos estão sempre na ilha, como conceito intrínseco, ilumina esta obra sobre as guerras da vida.

Ora, como é que a obra muda ou enriquece o olhar do leitor perante o livro? Sempre por via da grande literatura (que preferiria chamar de forte) como a que encontramos em passagens de “Sombra de touro azul”, que o confesso como um dos meus preferidos: um olhar refletido sobre a morte, de onde extrair qualquer passagem das selecionadas durante a leitura seria simplesmente injusto com outra qualquer.

Donde, que questões os textos colocam a quem os lê e que respostas lhe podem ser dadas? Questão aparentemente inglória na hermenêutica de um livro que parece plural, vários, multitemático à primeira vista sem reparar nos detalhes durante a leitura. Porém,

Lisboa percorre o livro, além da ilha de sempre e sempre. A justificacão do título, por exemplo, encontra-se em alguns momentos, mas talvez se possa destacar as referências à guerra no segundo momento do conto “Tríptico dos barcos” (onde há muita Lisboa), ou no terceiro momento em que o narrador expõe os dilemas da relação entre Patrícia e João Alberto, o protagonista, ou mesmo até e sobretudo quando no início daquele conto poderoso, num exercício entre Eça de Queirós e Cesário Verde, o narrador expõe uma Lisboa que é a do autor, arriscamos dizer: “de certo modo, fora essa a única evidência do seu mito pessoal de Lisboa: a saudade dela” (Melo, 2025, p. 35).

Portanto, e não em modo de conclusão, que respostas principais são possíveis às interrogações que a obra coloca? Estas residem precisamente numa perspectiva de abordagem à obra que entronque nas grandes reflexões, na tal grande literatura (renovo: no sentido de forte...), na ironia, na suspensão da narração para a dedicação afeiçãoada a descrições por vezes longas. Anotem-se estes dois momentos de ironia na segunda secção do “Tríptico dos barcos”: “o poder só é útil quando nos serve e nos dá a sua força de ação. Possui uns para ser possuído por outros” (Melo, 2025, p. 58-59); “[...] só se é de onde se nasce ou se tem um destino [...]” (Melo, 2025, p. 59) – a mesma ironia com que refletira sobre a Europa algumas páginas antes no mesmo conto.

Há uma passagem no forte conto “Tríptico dos barcos”, que se poderia intitular, quanto a mim, também “Era uma vez três homens...”, um conto de gerações que está para *Gente feliz com lágrimas*, uma obra-prima de João de Melo, como “Civilização” está para *A cidade e as serras*, uma passagem que, dizia, resume a essência do texto: “[...] pela lógica interna da família, eu teria crescido por entre as cóleras do meu avô e a heresia política do meu querido e amado pai” (Melo, 2025, p. 90). Isto entre as poderosas reflexões e momentos elevados de literatura que antecedem e sucedem este excerto e se estendem

pela ironia sobre Lisboa e frequentemente esta figura de estilo como máximo recurso expressivo. Reflexões que são pilares desta obra e que encontramos em “O princípio e a água”, onde está toda a ilha, versando sobre o casamento, o amor, os Açores e uma alusão à poesia, sob a égide de Lira, a musa ousada e erótica coprotagonista da história:

em minha opinião, todo o mal das civilizações se resume ao facto de elas se copiarem umas às outras. Passam de um tempo a outro, sobrevivem por misericórdia e por bem-aventurança, sempre no limite daquilo que nelas separa a originalidade da pura imitação. (...) Ainda que sem o negar, Lira contrapôs que acima da minha provável sabedoria e de todos os livros que lera estavam o espírito dos povos, o sentido coletivo da vida e a verdade definitiva da natureza (Melo, 2025, p. 101).

Descrições não demasiado longas preenchem estes contos e em específico este, que são toda a ilha e sua ilha e que termina com um grande final surpreendente, pois, perdoem-me, Lira não existe: é o canto. O melhor mesmo é fazermos um voo rasante pelo volume que aqui nos traz. Logo à partida, “Os irmãos estrangeiros” é uma narrativa que é uma ficção de antecipação sem qualquer futurismo, despudorada, claro, hábil e controladamente descritiva, revestida de uma trama intensa e onde se desenvolve em simultâneo um questionamento sobre o que é a literatura. A resposta a esta questão centra-se na ficção no momento em que o narrador diz e depois dialoga:

não consigo usar de melhor clareza explicativa, nem transmitir com simplicidade e eficiência a ordem metafísica da ficção; nem de como me sirvo dela para ensaiar a verdade do mundo, o sacrifício, a experiência da vida humana. Exemplifico-lhe:
 – Os nossos sonhos são ficção, os desejos e segredos também são ficção, e, ainda, o que designamos por sentido figurado, assim

como as imaginações do bem e do mal. A verdade pura só existe na realidade total. Os homens tiveram necessidade de inventar a *fiction* não para mentir aos outros, mas para captar a condição das vidas que podem servir de ilustração do mundo a quem nos lê (Melo, 2025, p. 21).

De seguida oferece-nos “O meu gémeo que sou eu”, onde afirma, emocionante, quase logo a abrir o conto, “[...] uma nova fé nos mistérios do divino” (Melo, 2025, p. 28) por via daquela “ausência omnipresente” (Melo, 2025, p. 27). Em certos momentos descritivo, apesar da curta narração, é um conto-ensaio sobre o amor – o mais belo texto de João de Melo sobre o amor. Sim, apesar da força de expressão, há muito amor, uma força recebida que o narrador reconhece... mesmo quando expressa antíteses aparentes.

“O tríptico dos barcos”, uma novela contida ou um conto distendido em quase sessenta páginas divididas em três partes e secções entre elas, já aqui apresentado quase suficientemente, ainda nos merece alguma atenção. Na primeira parte, sempre sob o primado da personagem central, João Alberto, até a Europa e a correspondência de guerra marcam presença na tessitura narrativa, o que atesta a capacidade reflexiva do autor; na segunda parte, de onde arrancamos a par da literatura forte e do pendor reflexivo a confissão do pai de João Alberto, concluímos realmente que “tudo se aprende e se esquece. E é entre esses dois verbos que todos passamos pelo limbo e pela expiação da vida” (Melo, 2025, p. 81), o que prepara o leitor para a derradeira parte do longo conto: “Esquecimento”. Entre a sempre escolhida e afirmada literatura forte e um resumo das gerações, somos confrontados, como leitores, com o dilema: é o neto a escrever..., não! É um avô como personagem?! Talvez... Ora, só um avô poderia ter tempo e coragem para afirmar: “[...] de que vale a pena ter ideias e sonhos num tempo e num país como este!” (Melo, 2025, p. 86).

A ação de “O princípio e a água”, já aqui ao de leve abordado, decorre na Ilha das Flores intimamente, nos Açores, mas todo o arquipélago é sempre tocado..., é um elogio do tempo, do vento e do lugar. Abundam reflexões, descrições e a tal literatura viciante... que me agarrou nesta obra maior do conto português. Eis dois exemplos sobre o tempo, o vento e o lugar:

sou um supersticioso dos ventos. Lembram-me sempre a morte que vem de longe para focar mais perto. Há neles o cão e o lobo, animais algo indistintos quando deslizam nas trevas (...) Porque a vida é breve e frágil – como a paz, a pena, o peso silencioso do tempo e da vida na ilha das Flores. E como o século dos séculos, todas as bem-aventuranças, e as muitas outras solidões dos Açores! (Melo, 2025, p. 106-109).

Sempre na ilha, “O homem na idade dos corais” narra um padre que morreu, mergulhando na mais fina ironia sobre a morte e todas as exéquias de um padre de Angra do Heroísmo, muito velho como os corais, “sendo ele um homem da idade dos corais adormecidos no fundo do mar, entre paisagens de peixe-piolho e algas pedregosas, de tão fossilizadas” (Melo, 2025, p. 133), exalando um sarcasmo do mais puro quilate. Então o final do conto, esse é irresistível a sua partilha:

o que posso é garantir-lhe que esse padre, vindo da idade dos corais, foi e é ainda, apesar de há muito tempo morto, uma fábula só nossa: essa espécie de relógio onde o senhor encontrou e mediu o tempo de todos nós. Não sei que tempo, nem que relógios possam porventura tê-lo regido. Tão-pouco me importa saber que tenha sido preciso escrevê-lo, ouvir o silêncio e o vento que atravessa o espanto e as vozes da ilha – para que hoje se acredite nas penas e nas memórias do passado. Mas ousa pensar que, com o Padre Velho, se extinguiu o século de Deus e de todos os tiranos. E a

mentira deste nosso mundo, também. E a vergonha de quantos deles se ungiram, bebendo a água benta dos templos e o enxofre do Diabo. E os cornos de Deus – quem sabe se dos homens em geral, senhor (Melo, 2025, p. 133).

Em “Os animais docentes”, curioso título (este deve terminar no leitor) são desenvolvidas excelentes páginas descritivas (com passagens grotescas) de um universo que diz tanto ao autor como ao crítico, suscitando ao narrador reflexões desta estirpe:

ocorre-te, por vezes, que te aconteceu teres nascido no país errado; que o teu é o país cujos sonhos passam demasiado depressa, apesar de vindos de longe, tão exaustos que já só lhes resta um repouso terminal. És um homem cinzento. (...) ao pensar miudinho dos funcionários de um país cujos sonhos morrem antes de terem aprendido a voar. Tens um sol no olhar e há em ti um pássaro que ainda sabe cantar, e por isso pousa e se põe a chamar a alegria e a vontade do mundo para dentro de ti (Melo, 2025, p. 140).

Com efeito, descreve a classe docente parcialmente, caricaturando-a ao mesmo tempo que é evidente o pendor reflexivo revestido da assinalável cultura que o autor coloca ao serviço do texto, assente num vocabulário variado e rico.

Importam algumas considerações sobre a história “As manhãs rosadas”, onde a guerra volta como tema central e o próprio título é recuperado em algumas passagens; a literatura que tem sido classificada, porventura ousadamente (mas por vezes há que o ser, sob pena de desvirtuarmos um dos propósitos da arte), de forte em João de Melo vai servindo de encantamento à leitura: acontece, por exemplo, à medida que é feita, dentro da narrativa, a contagem decrescente de um soldado até ao dia o da liberdade:

e digo-vos que a muitos outros, até ao fim daqueles dias, sucederam tantos e tais espantos, que deles me é difícil, e quem sabe se inútil, dar o pormenor, a noção dos relógios, a superior vantagem de ter nos olhos a memória de quem voa no ar e não sabe que é pássaro, anjo, cometa, desfigurado papagaio de papel (Melo, 2025, p. 159).

E já agora: o conto tem um final magistral, ligando o narrador às personagens e ao leitor?

Por seu lado, “Postumografia de Pedro Homem”, uma narrativa sobre o que foi deixado para trás... numa crítica política da nação, o que explica a palavra mais sonante do título, conto de onde podemos retirar a sua essência quando transcreve a página 834 das supostas “*Memórias do Imortal Pedro Homem, Herói da Pátria e Guardador dos Dizeres da Bíblia*” (Melo, 2025, p. 166). Estamos perante uma espécie de *Ensaio sobre a cegueira*, na exata medida em que dava um romance. É uma narrativa que inclui páginas que podem ser classificadas, num exercício de analogia hermenêutica, como pseudo-futuristas. E o que dizer da longa e interessantemente sarcástica (noutros momentos o narrador chega a ser hilariante) descrição que faz do espaço do Ministério das Finanças? Fica aqui a interrogação retórica unilateral...

O penúltimo conto do volume, intitulado “Sombra de touro azul”, de igual modo quase uma novela condensada, segue as mesmas linhas de força literária já antes percorridas, justamente no que diz respeito às reflexões fecundas, a uma leitura que se permite fluida, mas elegante, bem estruturada e rica e coesa quanto ao léxico. Portanto, provoca o prazer ao lê-lo. Nas suas derradeiras páginas, o enredo muda subitamente, conduzindo a um final surpreendente, não sem antes nos dar a conhecer o seu sarcasmo a propósito das atitudes de certos políticos com funções de estado, como a passagem

que se segue, a propósito da visita a um condenado que deveria ser acompanhado por um especialista até à sua execução:

– Primeiro que tudo – disse-me o ministro – teremos de perguntar ao preso se está na disposição de receber o senhor. É que nós, aqui, fazemos uma certa cerimónia com os mortos. Pode acontecer que a um condenado ao fuzilamento não apeteça avistar-se com estranhos, mesmo se tão ilustres e conhecidos como o senhor. De resto, cumpro ordens sabe de quem? De sua excelência, o meu Presidente.

Surgiu-me aí alguma desconfiança acerca da lucidez do ministro. De onde lhe viera a estupidez de designar o condenado por um *morto*? (Melo, 2025, p. 195-196).

Por fim, eis-nos perante o derradeiro conto (que coloco no topo das minhas preferências) desta obra proveniente de uma aturada revisão e reescrita, bem característica do nosso autor, que desagua na narrativa “O solar dos mágicos”, admirável pela ironia, sarcástica e caricatural, narrando uma história em que a própria literatura e algum do seu universo é o tema; em que faz o retrato irónico de uma sociedade (qual?) que caracteriza a nossa elevada literatura: “– Foi a ministro da Cultura justamente por ser advogado, minha senhora. Homens que servem para tudo. Não sei por que razão não havia de ser ministro da Cultura deste país sem cultura” (Melo, 2025, p. 221). Quase hilariante é o retrato que nos deixa do hipotético lançamento de um livro, um momento em crescendo caótico no seio da mais fina ironia que mostra todo o orgulho de cada um dos atores envolvidos. A política também é em momentos oportunos sempre ironizada, mas a parte nuclear da narrativa surge no final quando o caos na cerimónia está instalado. Contagia quem lê.

Portanto, na terceira secção da primeira parte do maior conto desta obra muito bem organizada reside um momento que pode servir

de sinopse do livro: “não pode haver felicidade maior do que um regresso da guerra. Como se fora uma ressurreição da própria vida.” (Melo, 2025, p. 52). Aliás, neste conto moram enormes páginas de grandíssima literatura de ficção. Contudo e subsumindo o espírito do livro, é no conto “O meu gémeo que sou eu” que encontramos, sem risco qualquer de o dizer, nas duas últimas páginas aquelas que são das mais belas de amor da sua obra global ou talvez da literatura portuguesa em prosa curta.

Em suma, creio que João de Melo nos lembra que faz falta ler para crer. Deixo aqui vincada esta passagem que mostra uma clara imagem literária daquela prosa forte que considero ser a que habita este livro, em concreto no conto “O solar dos mágicos”: “os pobres professores catedráticos tinham empaldecido, subitamente cheios de frio, do frio glacial que atravessa a espinha e a fende, a rasga, a abre como a lâmina da luz solar sobre o dia” (Melo, 2025, p. 223). Como classificar semelhante expressividade?

RECEBIDO: 29/11/2025

APROVADO: 04/02/2026

REFERÊNCIAS

MELO, João de. *A nuvem no olhar*. Lisboa: D. Quixote, 2025.

MINICURRÍCULO

ANTÓNIO JOSÉ BORGES vive em Lisboa. É professor de Literatura Portuguesa e investigador no Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta. Vice-diretor da revista *Nova Águia* e membro da Direção da Associação Agostinho da Silva, é autor de doze livros distribuídos pelo ensaio, conto, crónica e poesia. Está publicado em diversas revistas em Portugal e no estrangeiro. Dirigiu o “Dossier Escritor” na revista *Letras Com Vida* da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.